



# “PARA PERSUADIR AOS GENTIOS A FÉ E A FÉ DE CRISTO”: EDUCAÇÃO, CULTURA E MÉTODO NOS ESCRITOS DO PADRE MAMIANI

Ane Luíse Silva Mecenas Santos\*  
[anemecenas@yahoo.com.br](mailto:anemecenas@yahoo.com.br)

\*Professora da Faculdade José Augusto Vieira, SE; Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Sergipe; doutoranda em História pela Universidade do Vale do Unisinos, RS.

Recebido em 30/06/12 – Publicado em 19/10/12

## RESUMO:

O processo de conversão foi pautada na conquista, por almas, terras e poder. A ação catequética jesuítica nas terras dos povos Kiriri resultou na produção de textos a respeito da língua e dos costumes dos povos que viviam às margens norte do Rio Real. Com isso, foram produzidos o Catecismo e a Gramática da Língua Kiriri, pelo inaciano Luiz Mamiani. Trata-se de escritos importantes para a compreensão da cultura histórica jesuíta no período colonial e de suas ações na constituição de uma nova cristandade. Partindo da relevância de tais registros este trabalho tem o propósito de apontar alguns sinais da catequese e do método utilizado por Mamiani. Busca-se discutir os saberes envolvidos na construção da cultura histórica jesuítica no sertão Na escrita dos jesuítas a Europa cristã defronta-se com a América portuguesa indígena. Dois mundos aparentemente distantes se entrecruzam nas prédicas dos inacianos. A conquista da América lusitana não se fez somente com armas de fogo, mas também por meio das palavras.

**Palavras-chave:** catequese, jesuítas, catecismo Mamiani.

No ano de 1698, em Lisboa, é publicado um novo instrumento de conversão encomendado pela Companhia de Jesus que seria utilizado na América portuguesa<sup>1</sup>. Após vinte e cinco anos observando, anotado e comparando a língua Kiriri o padre Luis Vicencio Mamiani<sup>2</sup> conseguiu concluir a sua obra o *Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasílica da Nação Kiriri*.

Nas primeiras páginas o autor dedica seis laudas para apresentar ao seu leitor as especificidades da obra. Para Mamiani, após a conquista dos “índios marítimos da língua geral” (MAMIANI, 1942, s/p) havia a necessidade de empreender o mesmo projeto com a penetração para os “certões interiores deste Brasil”. E para efetivar essa conquista havia a necessidade de preparar um novo instrumento de conversão adaptado à realidade da nova língua, o Kiriri. Nessa apresentação ao leitor, Mamiani esclarece que essa obra é parte de um projeto da própria companhia e por conta disso aceitou a incumbência a ele concedida:

Não faltavão outros Religiosos bons línguas, que pudessem com melhor acerto dar o remédio a esta falta. Mas como atégora não houve quem quizesse, ou pudesse tomar esta obra tinha a seu cargo, Eu, ainda que o mínimo de todos, por mandado dos meus Superiores aceitei este difficultoso assumpto para utilidade dos novos Missionarios, & para bem de tantas almas. (MAMIANI, 1942, s/p)

<sup>1</sup> Houve outras obras que normatizaram só que referente a língua geral. É o caso da *Arte da Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasi,l* do padre Jose de Anchieta, 1595; *Arte da Grammatica da lingoa brasílica*, do padre Luiz Figueira, 1687; *Diccionario da língua geral do Brazil*, sem data definida; *Caderno de vocábulos da língua geral, muito necessário para com brevidade se aprender, feyto no anno de MDCCL*; *Diccionario dos vocábulos mais uzuaes para a intelligência da dita language*; *Diccionario da Lingua geral do Brasil que se falla em todas as Villa, lugares e aldeias deste Vastissimo Estado. Escrito na Cidade do Pará. Anno de 1771*; *Diccionario portuguez, e brasiliano, obra necessária aos ministros do altar(...)* 1795.

<sup>2</sup> De acordo com Leite (1949, p. 351-353), Mamiani nasceu na cidade de Pésaro, Itália, no dia 20 de janeiro de 1652. Tornou-se membro da ordem, quando tinha 16 anos, em abril de 1668. Embarcou para o Brasil em 1684. Tinha com destino a missão do Maranhão. Foi enviado a aldeia do Geru, na Capitania de Sergipe Del Rey, sendo responsável pela fundação do templo votivo a Nossa Senhora do Socorro. Organizou e publicou as obras *Catecismo Kiriri* e *Arte da Gramática Kiriri*. A sua atuação na Terra Brasilis não durou muito tempo, em 1701 retornava ao Velho Continente. Posteriormente, tornou-se procurador em Roma e lá viveu até a seu falecimento em 8 de março de 1730.

O objetivo do catecismo é claro para o autor, facilitar a conversão dos índios pelos novos missionários que utilizando esse instrumento poderiam administrar o “remédio” necessário aos índios. O catecismo seria o instrumento que iria auxiliar os membros da Companhia a serem ouvidos e entendidos pelos índios para que dessa forma pudessem ensinar os mistérios e as “coisas necessárias a hum Christão”. Esse material poderia ser utilizado também por leigos que não saibam falar o kiriri:

Ajuntei neste catecismo a significação portugueza correspondente à frazer da língua Kiriri por duas causas. A primeira, para que os novos missionários por essa via vendo os exemplos na língua, & a significação no vulgar idioma, possam mais facilmente alcançar as frases, & o modo de fallar, & assim aprender mais depressa a língua. A segunda causa He, porque se acaso este livrinho vier ás mãos de quem não sabe a língua Kiriri, se aproveite tambe delle, ou para aprender os mysterios, & declaração delles para si; ou para ensinar com esse método aos filhos, escravos e outros de sua obrigação. (MAMIANI, 1942, s/p)

A comunicação era condição *sine qua non* para o projeto de disciplinarização da alma do indígena. Mamiani elenca as dificuldades em preparar o texto, mesmo com anos de atuação missionária nas aldeias. O catecismo é fruto da sua observação, descrição e interpretação da comunidade.

O catecismo representa a síntese do contato entre os religiosos e os índios. É possível identificar os objetivos, os dogmas e as propostas para tornar aquela população “bárbara” em “bons cristãos”. Entretanto, silenciado pelas proibições, constata-se hábitos e costumes comuns da cultura indígena que eram constantemente colocados em cheque e proibidos. Dessa forma, o catecismo é um instrumento de conversão, e da mesma forma um registro da

própria comunidade estudada. O estudo da comunidade era constante, registrando as palavras, os gestos e a pronúncia, utilizando todos “os meios possíveis para acertar”. Seguindo o primeiro passo da apreensão dos hábitos a partir da observação:

Desde o primerio anno até o presente fui de propósito notando reparando, & fallar doutiva, mas para saber a lingua de raiz, & com fundamento; conferi com os nossos Religiosos línguas mais antigos, & examinei Indios de diversas Aldeas; & por derradeiro fui conferindo o presente Catecismo sentença por sentença com Indios que tinham bastante capacidade para entender o meu significado & para conhecer a fraze correspondente na sua língua. (MAMIANI, 1942, p. s/p)

Ao ver os hábitos do índio e procurar compreendê-los o jesuíta se distancia e se aproxima de dois mundos: o seu e o do indígena. Mamiani filtra a cultura do índio a partir da sua experiência e a relaciona constantemente com sua sociedade, criando uma ponte entre esses dois mundos. A observação se torna possível a partir do primeiro sentido empregado na catequese: a visão.

O olhar do jesuíta era capaz de “fotografar” a cultura indígena, para, em seguida, administrar a dosagem do “remédio” que deviria, então, prescrever. O membro da Ordem deveria ter espírito investigativo para auxiliar o olhar, privilegiando o que era imprescindível conhecer e adaptar a cultura do cultura do outro, conforme os interesses da Companhia.

Na obra, Mamiani elenca os empecilhos encontrados durante a preparação do texto. Conforme o autor, a língua Kiriri tinha muitas especificidades e, em virtude disso, os jesuítas não entram num consenso quanto à pronúncia e a escrita. Constata-se o segundo sentido adotado na conversão: a audição. Os

padres deveriam ir para além da visão, descrever as vestimentas, a **e-hum**, Belo Horizonte, Vol.5, N.2, pp. 172-190(2012). Editora uniBH  
Disponível em: [www.unibh.br/revistas/ehum](http://www.unibh.br/revistas/ehum)

alimentação e o habitat não permitia alterar o meio. Não se deveria apenas observar, havia a necessidade de modificar costumes. Nesse sentido deveriam compreender e serem compreendidos. Ouvir as palavras enleadas e criar a correlação na língua do observador:

A descrição dos sons da língua dos índios do Brasil foi feita por comparação com o alfabeto do latino e/ou vernáculo. Os autores trataram desse nível linguístico a partir dos aspectos que diferenciavam a língua indígena de uma língua europeia tomada como referência. Assim, quando mencionaram sons ou letras da língua indígena, fizeram-no para registrar os sons que, em relação ao alfabeto latino, “faltavam” na língua observada. (GUIMENES, 2003, p. 28)

Ao longo de sua escrita o autor aponta os problemas de se elaborar esse material em virtude da complexidade da língua, por ser “embaraçada” e de “difícil pronúncia”, a tal ponto que não havia um consenso entre os padres quanto à pronúncia dos vocábulos para chegar à raiz da língua. O missionário evidencia os cuidados com a pronúncia dos acentos e dos ditongos e, ao final dessa breve explicação, chama atenção para os termos inexistentes na língua

Kiriri:

Advirto por ultimo, que por faltar nesta língua vocábulos, que expliquem com propriedade o significado de algúas palavras, q se usão nas Orações, Mysterios da Fé, & outras matérias pertencentes a Ella, usamos das mesmas vozes Portuguezas, ou Latinas, como se introduzio nas outras línguas da Europa; pois há Hebrea, & Grega, passarão aos Latinos, dos Latinos passarão às outras Nações de Europa como são Ave, Salve, Sacramentos, Trindade, & c. Em outras palavras, com os Sacramentos em particular, as virtude, & vícios, & semelhantes, quando não há nesta língua vocábulo próprio, usamos pelo ordinário da definição, ou perifrasi para os Indios entenderem o significado dellas, que se o intento, que se pertende para hua, sufficiente intrucção dessas novos Christãos. (MAMIANI, 1942, s/p)

Mas existem termos para os quais não são encontradas traduções. Esses se encontram na zona de fronteira, estão no limiar e não foi possível a aproximação com o conceito aplicado pelo europeu. Fazem parte dessa zona

de fronteira na categoria das “intraduzíveis”, além das apresentadas na citação acima, presentes no catecismo e para as quais o autor não conseguiu encontrar tradução: Virgem Maria, Jesus, Páscoa, amém, discípulo, igreja, pessoa, limbo, purgatório, padres, pecado original e tesouro. Compõe esse rol as palavras que se referem à quantidade.

Com isso, percebemos que quando Mamiani enfatiza a dificuldade na compreensão da língua, ao mostrar palavras não possíveis de tradução, ele na verdade aponta as zonas de fronteira entre as duas culturas. São indícios pelos quais podemos visualizar a cultura indígena, suas crenças, seus costumes e os seus valores intransponíveis para tradução e conversão do colonizador. Burke já nos chama a atenção para esse problema:

Em qualquer história de intercâmbio cultural, a tradução entre línguas é obviamente de grande importância. A relação entre tradução lingüística e a tradução cultural foi recentemente objeto de uma série de perspicazes estudos focados no movimento de idéias, como a liberdade, o individualismo e a democracia do Ocidente para a China, o Japão, a África Ocidental e outras regiões. O foco desses estudos na tradução entre continentes não é nenhum acidente. Quanto maior a distância entre as línguas e as culturas envolvidas, mais claramente aparecem os problemas de tradução. (BURKE, 2009, p.17)

A dificuldade em materializar a cultura do outro em nova língua se faz presente em todas as traduções. Ao traduzir um texto, o indivíduo não se encontra fazendo uma simples troca de fonemas ou códigos escritos, ele realiza também um redimensionamento de culturas. E nesse processo sempre nos deparamos com uma zona de fronteira, um limiar entre conceitos e experiências que, normalmente, não podem ser traduzido:

As traduções são tão importantes na história do catolicismo moderno que se poderia facilmente afirmar que, sem traduções, nada de renovação espiritual, e nada de Reforma Católica pelos menos não o tipo de Reforma que os historiadores parecem agora dar conta como certa. (EIRE, 2009, p.95)

Os termos destacados são reflexos dos pontos principais de catequese adotados após o Concílio de Trento. O reforço à figura da Mãe, que assim como a Igreja Católica, acolhe, perdoa, orienta e guia os pecadores, desviando-os do purgatório, do limbo e até mesmo do inferno para a salvação da alma do fiel.

O receio de que a convivência sacralizada fosse efêmera e o retorno do gentio ao caos profano ocorresse faz com que os jesuítas alterassem não apenas as crenças, mas todas as espacialidades das aldeias, bem como a relação dos índios com o tempo e, principalmente, com sua própria cultura. Assim, as lembranças da convivência sagrada, longe de se apagarem na poeira do caminho, ficam gravadas em suas cansadas retinas. Tais imagens são rememoradas em seu cotidiano, pois as mazelas sociais continuam ferindo seus corpos e almas, obrigando-as a renovar seus votos<sup>3</sup>.

No imaginário coletivo a conversão foi tecida no tempo ordinário do gentio. Através das obras apresentadas é possível notar como os jesuítas conseguiram efetivar a sua política de catequese: tornaram-se hábeis na principal forma de “engendrar” as crenças dos gentios ao estabelecer a

---

<sup>3</sup> Contudo, deve-se levar em consideração que esse discurso acerca das práticas de conversão é apresentado pelo olhar do conversor. Dessa forma não são identificados os atritos ocorridos durante a implantação dessas práticas normativas.

comunicação que passou a ser feita através da língua nativa, bem como podemos identificar as artimanhas dos indígenas diante da proposta de catequese inaciana.

A normatização cotidiana é observável nas referências à existência não apenas de um lugar adequado, mas de um tempo próprio para cada coisa: um dia da semana específico para o batismo, outro para casamentos, dias determinados para confissões e o ponto exato do dia ou da missa em que deveriam ocorrer. A disposição dos fiéis na igreja também era organizada: antes da missa, as crianças separadas em filas por sexo, cantavam no átrio e repetiam orações em voz alta. Depois, entravam na igreja pelas portas principais, as mulheres adultas e, pelas laterais, os homens. A nave central era ocupada pelas autoridades, civis (cabildantes, guerreiros e caciques) que tinham direito a cadeiras e podiam assistir à missa sentados. O resto da comunidade podia sentar no chão ou assistir ao ofício de joelhos. Atrás das autoridades civis ficavam os rapazes e, mais ou menos dois metros atrás, acomodavam-se as moças, evitando-se que houvesse até mesmo um contato visual entre estes. No fundo e nas naves laterais se colocavam as mulheres, e no espaço que sobrava espalhavam-se os homens. Durante toda a missa havia pessoas responsáveis por fiscalizar o comportamento dos índios. (FLECK, 2004, p.287)

Dessa forma, observa-se que a normatização estava presente desde a estruturação da aldeia (o local onde seria edificada a igreja, o espaço destino ao plantio e a área reservada para a moradia) e perpassava até a disposição dos gentios dentro do espaço reservado a missa. A função social do grupo se fazia presente na escolha do lugar a ser ocupado. Cada um via e era visto de acordo com o seu valor simbólico para a celebração. A forma em que estão dispostos e como acompanham a missa também é apresentada: sentados, em pé ou de joelhos. Isso marca a função de penitência dentro do espaço sagrado.

No seu discurso, Mamiani também faz algumas ressalvas quanto à aprendizagem por parte do gentio. Diz que não há necessidade que os índios saibam repetir todas as respostas, pois para ele, “os seus alunos” não são



capazes disso. Entretanto, há uma lição que deve ser constantemente repetida e os índios devem conhecer: as orações, prática que deveria ser feita indispensavelmente aos domingos e dias santos em geral. Dentre as orações presentes no catecismo podemos identificar a oração do sinal da Santa Cruz, o Padre Nosso, a Ave Maria, o Salve Rainha e o Credo.

Percebemos que não se trata apenas de ensinar a oração, mas, sobretudo, explicar a importância do ato para quem o pratica. Nos diálogos encontramos a seguinte pergunta “Como havemos de rezar?” e a resposta “Há muitos modos, mas sobre tudo He bom rezar o Padre nosso, porque Jesu Christo ensinou esta oração aos seus discípulos. He bom também ki rezar a Ave Maria, ou a salve Rainha, pois assim nos ensinou a rezar a santa Igreja; para q a May de Deos interceda por nós para o seu Divino Filho” (MAMIANI, 1942, s/p). Após o Concílio de Trento, o culto à Virgem Mãe de Deus foi bastante divulgado, sendo que sua imagem se encontra presente em quase todos os templos, assim como na Carta de Toloza, nos escritos de Mamiani a repetição é método utilizado para que o gentio pudesse aprender.

Os inacianos, ao difundir os dogmas católicos com o objetivo de levar a fé aos ditos “selvagens”, no seu processo de transmissão de uma “cultura católica” encontram a primeira dificuldade, que remete à concepção que tinham do outro. Dentre os dogmas, difundiam a crença no Deus uno, conforme apresenta Mamiani (1942), nos santos e na Santíssima Trindade. No capítulo II, “Dos mysterios que se contem no Credo”, no diálogo I, “De Deos Trino & Uno”, o padre apresenta a explicação referente à Santíssima Trindade:

Explicarei isso com o exemplo do rio. Nasce a água da fonte do rio, & corre formando o rio, & dahi sahe formando hua lagoa. A mesma água he a que sahe da fonte, corre no rio, & forma a lagoa. A fonte, o rio, & a lagoa são três lugares distintos entre si, & com tudo he hua só, & a mesma água que sahe da fonte para o rio, & para a lagoa: Assim o Padre he Deos, o Filho he Deos, o Espirito Santo he Deos, & com tudo he hum só, & o mesmo Deos em três Pessoas distintas. (MAMIANI, 1942, s/p)

No discurso do colonizador podemos também identificar as técnicas comuns dos gentios. A partir das proibições aos costumes locais e legitimação dos saberes da Madre Igreja, o jesuíta nos proporciona conhecer um pouco do cotidiano na aldeia. Quando se explica o mandamento de Deus para guardar o domingo e os dias santos, Mamiani elenca todas as práticas diárias dos índios, como trabalhar na roça, levantar e cobrir a casa, cortar paus no mato, beber vinho, participar de folguedos e fiar (MAMIANI, 1942, p. 87). Além disso, estabelece as práticas diárias imbricadas pelo ato de se benzer, sendo assim, na hora de acordar pela manhã, de sair de casa e de dormir a noite o gentio deve voltasse para a prática cristã e se proteger do mal (MAMIANI, 1942, p. 29).

A palavra pecado de acordo com o inaciano “he hua obra má, ou contra os mandamentos de Ley de Deos, ou contra os mandamentos da Igreja” (MAMIANI, 1942, p.138). Dos pecados cometidos pelos índios e abominados pelos jesuítas destacam-se: o pecado associado aos pais de não ensinar a doutrina cristã aos seus filhos (MAMIANI, 1942, p. 33); não ser batizado (MAMIANI, 1942, p. 51); publicar os pecados do próximo (MAMIANI, 1942, p. 96); rogar pragas ao próximo (MAMIANI, 1942, p. 97); desejar a mulher de outro (MAMIANI, 1942, p. 98); a inveja (MAMIANI, 1942, p. 98); deixar de ouvir a missa aos domingos (MAMIANI, 1942, p. 101); não se confessar uma vez ao

ano (MAMIANI, 1942, p. 102) ou esconder algum pecado durante a confissão (MAMIANI, 1942, p. 130). Os pecados estão associados aos mandamentos de Deus<sup>4</sup> e da Igreja<sup>5</sup>.

Na sua escrita o jesuíta elenca três categorias de pecado, divididas por níveis de gravidade. O primeiro seria o pecado original, com o qual todos nascem e deve ser remido através do batismo. É singular a explicação adotada pelo inaciano para justificar o pecado original como sendo comum a todos em decorrência do ato de Adão e Eva. O elemento adotado para promover a aproximação do gentio com a prática remonta aos conflitos entre índios e portugueses da região:

M. De que modo fomos máos pelo peccado dos nossos Avós?

D. Declararei isso com hum exemplo. O principal dos Índios de Natuba cómeteo hú crime antigamente contra os Brancos matando hum Capitão; então todos os Brancos se deraõ por inimigos dos dos Índios da Natuba, e de todos os Kiriris, por serem todos da mesma Nação do principal criminoso, por isso captivárão todos q poderão préder. Assim obrou Deos comnosco: Peccou Adão nosso pay contra Deos e por isso Deos se deu por offendido não sómente de Adão, mas também de todos os seus descentes. (MAMIANI, 1942, p. 140-141)

O segundo é o pecado mortal é o mais grave contra a lei de Deus. Pode ser praticado por um pensamento, uma palavra ou uma obra ruim. Está

---

<sup>4</sup> O primeiro: Amarás a hum só Deos. O segundo: Não nomearás o seu Santo nome em vão. O terceiro: Guardarás os Domingos, e as festas. O quarto: Honrarás teu pay, e tua mãy. O quinto: não matarás. O sexto: não fornicarás. O septimo: ao furtarás. O oitavão: não levantarás falso testemunho. O nono: não desejarás a mulher do próximo. O décimo: Não cobiçarás as coisas alheias. (MAMIANI, 1942, p. 9-10)

<sup>5</sup> O primeiro: Ouvir a Missa aos Domingos, e Festas de guardar. O segundo: Confessar ao menos hua vez ao anno. O terceiro: comungar pela Paschoa da Resurreição. O quarto: Jejuar quando manda a Santa Madre Igreja. O quinto: Pagar dízimos, e primícias. (MAMIANI, 1942, p. 10-11)

relacionado aos pecados capitais<sup>6</sup>. Com esse pecado há a morte da alma e o praticante perde a graça de Deus, tendo como conseqüência seu castigo é o inferno. Por fim, o terceiro é o pecado venial o mais leve. A remissão desse pecado é feita por meio da confissão, bebendo água benta, rezando as orações diariamente e ganhando as indulgências (MAMIANI, 1942, p. 146). Sua prática também se encontra relacionada ao pensamento, a palavra ou a alguma obra contra a lei de Deus. Um exemplo é apresentado no texto:

Eu furtei hua espiga de milho, ou hua abobora; ou me agastei levemete com o meu camarada; então fiz hum peccado leve contra a ley de Deos. Mas se eu furtei, ou gado, ou cavalo, ou dinheiro de alheyo, então fiz peccado grave contra a ley de Deos. (MAMIANI, 1942, p. 145)

O perdão dos pecados poderá ser realizado por meio do batismo e da confissão (MAMIANI, 1942, p. 78). O jesuíta é enfático nas suas proibições quanto às práticas de feitiçaria de adivinhar o futuro, acreditar em agouros e colocar feitiços no próximo. Além disso, também proibia:

Curar doentes com assopro: Curar de palavra, ou com cantigas, Pintar o doente de genipapo, para q não seja conhecido do diabo, & o não mate: Espalhar cinza á roda da casa aonde esta hum defunto, para que o diabo dahi não passe a matar outros: Botar cinza no caminho, quando se leva hum doente, para que o diabo não vá atrás dele: Esfregar hua creança com porco do mato & lavalá com Alóá, para que, quando for grande, seja bom caçador, & bom bebedor: Não sahir de casa de madrugada, nem à noite, para não se topar com a bexiga no caminho: Fazer vinho, derramalo no chão, & varrer o adro da casa para correr com as bexigas. (MAMIANI, 1942)

Mamiani aponta sinais das práticas gentílicas nesse relato. O processo de cura ocorria por meio do assopro, da palavra, da utilização de frutas como o

---

<sup>6</sup> São sete pecados: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça (MAMIANI, 1942, p. 12). Devem ser combatidos pelas virtudes contrárias: humildade, liberdade, castidade, paciência, temperança, caridade e diligências as coisas de Deus. (MAMIANI, p. 12-13)

genipapo, das cinzas e do vinho. As formas de curar os doentes são semelhantes, uma reminiscência, às práticas dos rezadores<sup>7</sup>. Uma das formas de se livrar do diabo era através do batismo, após esse sacramento, para se livrarem dos novos “pecados” cometidos, os padres orientavam os indígenas a praticar a penitência. O jesuíta tece sua normatização de tempo ao longo de sua escrita. E esclarece que o ritual de se benzer deve ser feito para que “Deos nos livre de nossos inimigos, Mundo, Diabo e Carne”. (MAMIANI, 1942, p.30)

O diabo é tema recorrente nos escritos de Mamiani, sendo a figura em oposição ao bem e sempre lembrando os antigos costumes do gentio. São traçadas algumas práticas que podem evitar a aproximação do diabo: benze-se ao longo do dia (MAMIANI, 1942, p.30), chamar o nome de Jesus (MAMIANI, 1942, p. 38), rezar pelo anjo de guarda (MAMIANI, 1942, p.39), ser batizado (MAMIANI, 1942, p. 163) e ser “borrifado” por água benta (MAMIANI, 1942, p.147). A utilização dessa água é apresentada pelo jesuíta com uma das formas de evitar o pecado e de ser absorvido deste. O ritual de purificação é concluído com as orações tradicionais que devem ser proferidas diariamente, principalmente o Pai Nosso.

Os pecados também podem ser cometidos dependendo da época do ano. É o caso de realizar festas ou banquetes no período da Quaresma. Mais uma vez, o tempo é determinante no processo de “civilizar” o cristão. As atividades

---

<sup>7</sup> Conforme pode ser observado no artigo de SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Antes do por do sol: mística nas rezadeiras de Itabaiana. In: Caminhos. Goiânia. v. 8, n. 2, jul-dez 2010. p. 79-91.

perseguidas pelos inacianos eram associadas tanto ao diabo como ao inferno e ambos a um local sombrio e quente:

Encontrando na colônia populações autóctones que também viam o diabo como força atuante e poderosa – as multidões de espíritos que perambulavam pela mata sombria e lugares sinistros-, os jesuítas acabaram por demonizar ainda mais as concepções indígenas, tornando-se, em última instância, e por mais paradoxal que pareça, agentes demonizadores do cotidiano colonial. Os índios apavoravam-se tanto com a idéia do diabo que chegavam a morrer de puro medo do inferno. (SOUZA, 2009, p.188-189)

Após a morte o jesuíta apresenta para o gentio que o corpo fica enterrado na sepultura, mas a alma, eterna, poderá ir a três lugares dependendo das ações praticadas em vida. Os bons terão lugar no céu e viverão felizes com Deus (MAMIANI, 1942, p. 81). Os que não tiverem satisfeito inteiramente a vontade de Deus irão para o purgatório, para se livrar desse destino deve-se agradar a Deus (MAMIANI, 1942, p. 101). Por fim os pecadores irão para o inferno (MAMIANI, 1942, p. 70). O inferno era descrito como uma grande fogueira na qual todos os não cristãos eram levados, bem como aqueles que não seguiam todas as normas determinadas pelos padres. Esses pecadores teriam seu corpo queimado por toda a eternidade:

M. Que dirá JESU Christo aos que achar em peccado?  
D. Dirá: Apartivos de mim todos para o fogo eterno, que esta aparelhado por Deos há muito tempo para castigo das maldades, assim do diabo, como dos seus sequazes. Então se abrirá a terra para seré laçados todos no inferno. (MAMIANI, 1942, p. 68)

Os jesuítas conseguiram, ao longo de mais de duzentos anos atuando na América portuguesa, desenvolver uma prática catequética que impregnou os estudos voltados principalmente para a História, bem como para a Educação nesse período. A criação de um método de ensino pautado na observação e repetição permeou não apenas a educação nas aldeias, mas transpôs as

barreiras e foi responsável pela educação de diversos setores da sociedade colonial:

A obra capital da atividade missionária foi a conversão dos índios; para atingir este objetivo a ação educacional e civilizatória foi um elemento convergente. Entretanto, assim como nos primeiros tempos os indígenas não atingiram mais do que um cristianismo sumário, igualmente a europeização foi parcial. (KERN, 2008, p.115)

Algo que chama a atenção no texto de Mamiani é a relação do que ele fez entre os discípulos de Cristo e os missionários da Companhia de Jesus. Na passagem da Bíblia em João 20, 19-23, consta:

Jesus disse de novo para eles: “A paz esteja com vocês”. Tendo falado isso, Jesus sobrou sobre eles dizendo: “Recebam o Espírito Santo. Os pecados dos daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados”.

De forma sutil Mamiani faz referência a essa passagem ao afirmar que Jesus deixou seus discípulos no seu lugar. Apenas eles têm o dom de redimir os pecados dos outros, pois receberam o Espírito Santo. Na sua obra constam os seguintes dons do Espírito Santo: sapiência, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor a Deus. E dentre as atribuições destaca-se a de falar em todas as línguas, conforme o mesmo estava fazendo: “Logo sauberão fallar em todas as línguas das Nações todas do mundo, para ensinar a Fé de Deos a todas as gentes” (MAMIANI, 1942, p. 72). Com esse discurso o autor reforça o caráter militante da sua prática e justifica o seu ensinamento como uma continuidade dos dons transmitidos por Cristo aos apóstolos. É uma continuidade do ensinamento. O dom do Espírito Santo de facilitar a comunicação dos apóstolos com outros povos, faz compreender e continuar o testemunho é reafirmado em Ato dos Apóstolos 2, 1-4:

Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

Alguns atos de caridade deveriam ser realizadas diariamente, seriam as obras de misericórdia que apresentam o intuito de “civilizar” o corpo e o espírito. No que se refere ao corpo, dar de comer a quem tem fome, de beber aos que tem sede, de vestir os nus, de visitar os enfermos, de dar abrigo aos peregrinos, de remir os cativos e de enterrar os mortos (MAMIANI, 1942, p. 17-18). As sete determinações apresentam as regras para a vida em sociedade destacando as virtudes da caridade. Mas na comunidade indígena insere duas práticas a de vestir roupas e enterrar os mortos de acordo com os preceitos da Igreja. As questões do espírito também são sete: dar bons conselhos, ensinar os ignorantes, controlar os tristes, castigar os que cometeram erros, perdoar as injúrias, sobre com paciência a fraqueza do próximo e rogar a Deus pelos vivos e defuntos (MAMIANI, 1942, p. 18). As práticas de misericórdia ligadas ao espírito estão atreladas aos ensinamentos, a educação da alma e todas são tarefas individuais, compõe o grupo de atividades que casa fiel deverá fazer para “fugir dos pecados”.

Falar a língua do indígena era de suma importância para se poder não só apresentar os dogmas cristãos, como também para que o religioso conseguisse entender a confissão dos pecados. Esse é um dos pontos que Mamiani ressalta mais de uma vez, ou seja, a importância da sua obra: auxiliar principalmente os novos padres no contato com o nativo e, dentre as diversas



contribuições que o conhecimento da língua poderia proporcionar aos jesuítas, destaca que a falta desse material dificultaria o acesso dos gentios aos “mistérios e cousas necessarias a hum Cristão”, bem como a remissão de seus pecados. Ao ressaltar o universo de palavras que formam um “hiato” entre as duas línguas, constata-se o reflexo direto do distanciamento cultural dos dois mundos.

## **CORPUS DOCUMENTAL**

### **Fontes Impressas**

MAMIANI, Luiz Vincêncio. *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da naçam Kiriri*. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1877.[1699]

\_\_\_\_\_. *Catecismo da Doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri*. Lisboa. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1942 [1698].

### **Referências**

AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e Selvagens*. A negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (sec. XVI-XVII). São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. Catequese e tradução: Gramática cultural, na religiosa e lingüística do encontro catequético e ritual nos séculos XVI-XVII. In: MONTEIRO, Paula (org.) *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006. p. 143-207.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Os kiriris de Mirandela: um grupo indígena integrado*. Bahia: Universidade Federal da Bahia. 1972

BURKE, Peter. Culturas da tradição nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia (Orgs). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Trad. Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p.13-45

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 2006 [2000].

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*. E outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

DANTAS, Beatriz Góis. *Missão Indígena no Geru*. Aracaju: UFS, 1973.

DAHER, Andréa. Cultura escrita, oralidade e memória: a língua geral na América Portuguesa. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 17- 42

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300-1800*. Uma cidade sitiada. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. [1978]

\_\_\_\_\_. *A Confissão e o Perdão*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

EIRE, Carlos M. N. A piedade católica moderna em tradução. In: BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia (Orgs). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Trad. Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.p.95-113.

FERREIRA, Antônio Gomes. A Educação no Portugal Barroco: século XVI a XVII. In: STEPHANOU, Maria & CÂMARA BASTOS, Maria Helena (orgs.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Vol. I – sécs. XVI-XVIII. Petrópolis: Vozes, 2004. p.56-76

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. A educação jesuítica nos Sete Povos das Missões (séculos 17-18). *Em Aberto*, Brasília, INEP/MEC, v. 21, n. 78, dez. 2007, p. 109-120. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1244/1112>>. Acesso em 19 nov 2009

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. *Letras, ofícios e bons costumes: civilidade, ordem e sociabilidade na América portuguesa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Santa Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amorosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1987[1976].

GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedade indígena e ocidentalização no México espanhol*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUIMENES, Luciana. Fontes para a historiografia lingüística do Brasil quinhentista: materiais de análise. In:FREIRE, José Ribamar Bessa Freire; ROSA, Maria Carlota. *Línguas Gerais*. Política Lingüística e Catequese na América do Sul no período colonial. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2003. p.11-24.

HANSEN, João Adolfo. A escrita da conversão. In. COSTIGAN, Lúcia Helena (org). *Diálogos da conversão*. Missionário, índios, negros e judeus no Contexto Ibero-Americano do Período Barroco. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 15-43.

KOK, Glória. *Os vivos e mortos na América portuguesa*. Da antropofagia à água do batismo. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Lisboa: Livraria Portugalíia. 1938.

LEITE, Yonne. A arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil e as línguas indígenas brasileiras. In:FREIRE, José Ribamar Bessa Freire; ROSA, Maria Carlota. *Línguas Gerais*. Política Lingüística e Catequese na América do Sul no período colonial. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2003. p.11-24.

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, v. 22, n. 43, 2002, p. 11-32.

MARIANI, Bethania. *Colonização lingüística*. Línguas, política e religião no Brasil (século XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII).Campinas, SP: Pontes, 2004.

MECENAS-SANTOS, Ane Luíse Silva. *Conquistas da fé na gentildade brasílica: a catequese jesuítica na aldeia do Geru (1683-1758)*. João Pessoa: Editora UFPB, 2012. **e-hum**, Belo Horizonte, Vol.5, N.2, pp. 172-190(2012). Editora uniBH Disponível em: [www.unibh.br/revistas/ehum](http://www.unibh.br/revistas/ehum)

- MOTT, Luiz. *Sergipe Colonial e Imperial*. Religião, família, escravidão e sociedade. Aracaju: Editora UFS, 2008.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra*. Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NEVES, Luiz Felipe Baêta. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.
- NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e História do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes, 2006
- NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e "Tapuia" no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.
- RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Antes do por do sol: mística nas rezadeiras de Itabaiana. In: *Caminhos*. Goiânia. v. 8, n. 2, jul-dez 2010. p. 79-91.
- SOUZA, Laura de Mello. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- THEODORO, Janice. *América barroca: temas e variações*. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.